

**JARDIM DO LICEU: a representatividade do período belle époque no estilo art
nouveau**

Renata Hilel Ribeiro
Universidade Federal Fluminense
renatahilel76@gmail.com
Edimilson Antônio Mota
Universidade Federal Fluminense
uffmota@gmail.com

1-INTRODUÇÃO

Para estruturar o debate entre as categorias da geografia, espaço, lugar e paisagem, com a finalidade de justificar as mudanças contínuas, na qual produzem transformações e a organização da experiência do espaço urbano, em que os sistemas de representação são variantes e intencionais, segundo Gomes (2013): “Os espaços públicos urbanos são a imagem da atividade social,”, pois, o cotidiano desenvolve inúmeras formas de perceber o mundo, justificado pelas rugosidades que segundo Santos (2012): “são formas e processos inerentes ao conflito histórico e dialético estabelecido por uma urbanização que homogeneiza, ao mesmo tempo fragmenta e hierarquiza as condições de vida na cidade”, que propicia a visibilidade do espaço, um lugar de exposição colocando tudo em exibição trazendo o olhar, contudo são as intencionalidades que definem os objetos no qual estão visíveis e os que estão após as “cortinas” no espaço urbano.

Para direcionar a teoria à luz da prática, com intuito de proporcionar uma reflexão sobre os processos, bem como mostra a importância da visibilidade do lugar, de como os objetos estão postos e suas intencionalidades, o presente trabalho trata a descrição do Jardim do Liceu e busca explicar a sua composição a partir dos objetos-elementos inspirados na belle époque. Nesse sentido, entendemos ser o Jardim do Liceu uma parte do espaço integrante das articulações que circundam todos os fluxos, ou seja, as atividades que envolvem a cidade em âmbito político, econômico e social, que faz parte de um determinado contexto que a sua criação contribuiu para fortalecer o olhar geográfico de quem observa o que leva a experiência a partir da sua lente pessoal a enxergar o lugar que, no primeiro momento parecia ser banal, mas que, ao se adquirir informação e descrição sobre os objetos sobre a composição do jardim, leva o

observador a sentir e a interagir com o lugar, com uma “nova forma de ver o mundo”, visto de olhares geográficos, o que permite comparar, verificar e refletir sobre as diferentes formas representadas no espaço daquele lugar. O observador desenvolve nessa perspectiva a habilidade de um etnógrafo do momento, que descreve o temporal, e destaca os elementos que permaneceram, assim como busca entender também os novos significados e função de acordo com o tempo.

A presente pesquisa visa aprofundar o debate e estimular a análise crítica da realidade a partir do conceito de espaço definido por Santos (2008), que diz ser: "um conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não", - pois, a partir dessa definição, entendemos ser os objetos centrais, como elementos, na composição do espaço, e, como tais, vão constantemente sofrer transformação na medida em que novas técnicas e tecnologias vão sendo criadas. Pois, de fato, para cada época novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras formas, o que pode levar a modificar o todo, em virtude das profundas transformações, por isso, ao observar o Jardim do Liceu a partir da composição dos seus objetos, é possível reconhecer nas suas descrições elementos e estilos de projeção da belle époque, período de intensa duração e da permanência na paisagem da cidade Campos dos Goytacazes – RJ.

2-CATEGORIAS GEOGRÁFICAS: ESPAÇO, LUGAR E PAISAGEM, E SUAS MÚLTIPLAS VISÕES

Para compreender todo o processo que estão imbricados nas categorias de análise da geografia é necessário a compressão de como estende todas as ações e o cerne das questões que manifestam em inúmeros pontos em relação aos conceitos e as definições dessas categorias, que podem ser esclarecidas pela própria interação humana com o seu meio.

Ao longo da história essa interação foi responsável por inúmeras mutações, que vão sendo articuladas com uma imposição, fazendo com que esse condicionamento ríspido ou dócil, proporcione o surgimento de novas técnica chamada por Santos (2006)

de “ reterritorialização” explicando que “o movimento local das técnicas deixa de ser apenas horizontal, antropológico, e recebe uma influência, um componente vertical, incluindo o lugar numa história técnica e social mais abrangente. ”.

Percebe-se então que, não só existe uma história de desenvolvimento do próprio território por meios naturais, mas também a relação homem e natureza construindo toda uma historicidade por essa interação, e que esse meio vai transformar e vai sendo transformado, através da íntima ligação que é iminentemente social.

Tendo a técnica um papel crescente, que vai articulando sobretudo o discurso de território em sua relação ontológica com o espaço, no qual, o território é a própria dimensão desse espaço interagindo com a técnica, que vai definir o espaço como resultado da ação e dos objetos, trazendo uma autonomia no próprio objeto, proporcionando a construção do próprio território, pois não há território sem a técnica e assim transforma-se como meio, ou seja, meio-técnico. Desse modo, o espaço, além de instância social que tende a reproduzir-se, tem uma estrutura que corresponde à organização feita pelo homem. É também uma instância subordinada à lei da totalidade, que dispõe de certa autonomia, manifestando-se por meio de leis próprias. Assim, o espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis.

O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução.

Para Santos (1978), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”; imutável em seus limites e apresentando mudanças ao longo da história, o território antecede o espaço. Já o espaço geográfico é mais amplo e complexo, entendido como um sistema indissociável de sistemas de objetos e ações, em que a instância social é uma expressão concreta e histórica. O território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, de uma área.

Tendo em vista que, o homem harmoniza uma inflexão dialética para dar a diversificação da natureza, que se renova que superpõe a divisão do trabalho, onde cada modo de diversificação sucede um outro modo de diversificação, numa dialética de

trocas de posição constantes sobre a qual, a ação humana intervém e cujo o seu resultado é o lugar, que segundo Santos (2012) “O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma dos dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica.”

Essa percepção dialética proporciona uma mudança contínua, graças ao movimento social, no qual sua significação sempre pressupõe a anterior, por coexistir inúmeras intenções e forças sociais distintas, que a temporalidade histórica subordina o lugar às intenções e discursos, que segundo Santos (2012) “Não confundir localização e lugar. O lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar.”

Mas o lugar vai ser transformado pela técnica de acordo com as intensões, estando além da influência histórica tão somente, pois são inúmeros processos que vão ser responsáveis por essas transformações, pois o tempo é um intercessor do homem e a natureza, transformando o espaço, mas que são as ações ocorridas com o tempo que vão definir os processos que mudarão o espaço de forma complexa, ao que se propõe a sociedade através de transpirações das atividades direcionadas ao seu interesse, no qual vão dinamizar o espaço conforme suas necessidades, transmitindo em suas composições do lugar essa interferência.

Nesse sentido, sobre o espaço, Massey (2008) refere-se assim:

O espaço então, é definido como a dimensão da divisibilidade quantitativa..., ou seja, “qualquer repetição que seja governada por uma lei estrutural de sucessões é espaço” e que está contido na espacialidade que “quer dizer coexistência dentro de uma estrutura que estabelece a natureza positiva de todos os seus termos. (MASSEY, 2008, p.74)

E ainda ilustra a autora:

o termo espaço está sendo mobilizado aqui não para se referir a qualquer coisa que possamos entender, como sendo positivamente espacial (como “espaço físico” de Laclau), mas antes, para designar uma fatia de (uma definição particular) de temporalidade.” (MASSEY, 2008, p.74)

Portanto, dependemos do foco para direcionar cada significado, já que de acordo com os movimentos arranjados pela sociedade pode diferenciar o conceito de espaço. Em síntese, onde o objeto ganha sentido (deixa de ser coisa, dado da natureza, e vira

objeto, dado da história humana), o lugar alia-se aos outros lugares e nota no seu conteúdo e em seu interior definido como processo da produção técnica do espaço.

Para fortalecer o discurso, é necessário não somente reconhecer que o tempo está relacionado ao espaço, sendo mais que isso, transformando-o em espaço-tempo, mas que também é necessário abarcar toda movimentação social para que possa interpretar no espaço, um lugar de referência a determinados indivíduos, no qual a geografia aparece com uma perspectiva humanista.

Entende-se que essa chamada geografia humanística, como tal:

Procura entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (TUAN, 1982).

O que pode levar a desenvolver conhecimentos do mundo através das possibilidades e limitações dos nossos sentidos iminentemente humanos. Sendo o local o principal fator da experiência do indivíduo. Desse modo, a concepção de lugar, está para além do sentido da localização, estaria também para o sentido de significação dado pelo homem ao dar sentido as coisas, e as coisas vão significar o lugar em si. Desse modo, "não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança" Relph (1979), pois, é pela a relação humana que se atribui valores e sentido com as coisas sobre o lugar de vivência do social e da cultura.

Ao falar sobre lugar, logo nos vem à cabeça que essa expressão é algo conhecido por todos, caracterizado principalmente pelo senso comum. Contudo, não sabemos o quão grandioso significado tem a abordar. Pensamos que lugar é o meio em que estou inserido. Local que faço e refaço minhas articulações. Isto é, onde a vida acontece.

Mas, o lugar parte do princípio em que esse espaço nos é familiar, que faz parte da nossa vivência cotidiana. Neste lugar são depositados a nossa identidade própria que faz com que possamos estabelecer uma relação com lugares que é divergente do resto do mundo.

Nesse sentido, retomando o espaço como centralidade, ele ocupa uma categoria acima do lugar, tendo uma visão de uma macro escala em que o lugar é incluso.

O que é muito comum a visão de espaço como algo dado, produzido pelo tempo e sendo explicado historicamente, ao que remete um equívoco tornando-o algo abstrato e sem significação que segundo Massey (2008)

a imaginação do espaço como uma superfície sobre a qual nos localizamos, a transformação do espaço em tempo, as claras separações do lugar em relação ao espaço externo, são todos meios de controlar o desafio que a espacialidade, inerente ao mundo, apresenta. (MASSEY, 2008, P.26)

Deixa de ser geografia e passa a ser história, porque quando há uma hibridização entre espaço e tempo, o tempo remete a explicação histórica e não a geografia.

Então o espaço na dimensão do lugar é submetido a intervenções do global, mas não está subordinado a ele, e a dinâmica existente no espaço, ligado ao poder, mas também os valores, apropriação de diferentes classes sociais, vão produzir os espaços, tendo os lugares, o qual representam essas ações e a paisagem uma visibilidade relacional.

Uma análise espacial requer um foco, para definir e desenvolver estruturas relacionais, para representar todo a discussão entre lugar e espaço. No qual, esse artigo vincula uma análise na Cidade de Campos dos Goytacazes - RJ, com um recorte espacial de uma verdadeira representação geográfica com a perspectiva de objeto e ações que segundo Santos (2012) “ os objetos técnicos não têm outro significado senão o paisagístico. Mas eles aí estão também em disponibilidade, à espera de um conteúdo social.”, e de suma importância segundo Santos (2012):

A questão a (colocar é a da própria natureza do espaço, formado, de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano. (SANTOS, 2012, p.69)

O observador ao olhar para o lugar conhecido como, o Jardim do Liceu, na cidade de Campos, que configura e expõe seus próprios objetos em tipos de linguagens física, de um período histórico [belle epoque] que desenvolveu e contribuiu revelar a natureza do espaço, que segundo Santos, “supõe o encontro de conceitos, tirados da realidade, fertilizados reciprocamente por sua associação obrigatória, e tornados capazes

de utilização sobre a realidade em movimento. ” “[...]e uma nítida estruturação de um problema atribuído pelo próprio capitalismo configurado pela motivação individual e coletivo”, das intenções vinculadas ao discurso incluso nos próprios objetos deste local. Então, observar e descrever o Jardim do Liceu é possível fazer a etnografia do espaço tendo em vista a sua dinâmica, ao seu movimento que está inserido num contexto político, urbano e social de uma época que se caracteriza pela belle époque, que tem tudo a ver com a revitalização e a urbanização das cidades no final do século XIX pela França e que influenciou cidade como a do Rio de Janeiro, e também Campos sofreu essa influência também.

Por outro lado, evocamos a paisagem como também parte da compreensão da geografia de um lugar e de um espaço em observação. A paisagem permite olhar mais distante e enxergar a diversidade de objetos de um espaço. Com isso, faz entender a paisagem como algo cheio de significados e movimentos, pois:

A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais... A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho, um resultado histórico acumulado. O espaço humano é a síntese, sempre provisória e sempre renovada, das contradições e da dialética social. ” (SANTOS, 2012, p. 69-70).

Por tanto, são os objetos que compõem a paisagem que caracteriza os lugares e dão sentido ao espaço, conforme Santos (2012) “A sociedade se geografiza através dessas formas, atribuindo-lhes uma função que, ao longo da história, vai mudando. ” Assim a temporalidade é uma conexão com o espaço, que sistematiza as ações nos lugares proporcionando símbolos que perduram ao longo do curso da história da sociedade.

A paisagem não é somente um conceito geográfico, mas é representada de diferentes perspectivas, no qual desenvolve uma complexa definição, sem por tanto, representar um conceito simples ou estático, mas que depende de contextos e significados e até mesmo intensões. Segundo a interpretação de Santos (2012) “ a paisagem é o conjunto de formas que, nem dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas reações localizadas entre homem e natureza”, agregando aqui a paisagem ligado ao fator da temporalidade em sua constituição.

A ciência diferencia a paisagem, compartimentando-a para distinguir as perspectivas, que traz a paisagem natural, reflexo da interação dos elementos naturais (relevo, clima, fauna, flora, etc.) e a paisagem cultural, como interação homem e natureza, ou homem meio, que resultar no espaço urbano e rural. Mas também a paisagem como objeto que pode ser sentido pelo homem, traz sensações e desenvolve afeições, e pode criar identidade.

Berque (1998) afirma:

Que a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura, que canaliza, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, corresponde a paisagem do ecúmeno.

Ou seja, a relação homem e meio produz espaço que, a partir da produção de: símbolos, valores, representações, coisas são significadas e são construídas por meio das experiências de interação social tanto nas relações individuais, quanto nas relações grupais as cidades são ecúmenos dessas relações vistas nas suas diferentes paisagens.

3-JARDIM DO LICEU A VISIBILIDADE NA BELLE EPOQUE EM SEU ESTILO ART NOUVEAU

A belle époque chegou ao Brasil como marca da modernização, e muitos centros urbanos de muitas cidades brasileiras, entre elas, a ex-capital, Rio de Janeiro, inspirou a revitalização de ruas, avenidas e prédios, no estilo parisiense da belle époque. Campos dos Goytacazes, final do século XIX não foi diferente, o açúcar o seu principal produto, forneceu condições para o consumo de a elite usineira buscar inspiração também no estilo francês de morar e de viver. Nesse contexto, a cidade juntamente ao seu crescimento fez com que obras e edificações fossem encomendadas, e, praças, residências, prédios públicos, ruas e avenidas foram influenciados fortemente pelo urbanismo francês.

Esse crescimento contínuo das cidades fez com que houvesse a necessidade de desenvolver espaço com uma intencionalidade voltada a saúde, salubridade e que

favorecessem um momento de laser como uma forma de estar perto da natureza, que



com o crescimento tornou algo mais distante de visualizar, tendo a formação dos jardins para trazer o verde mais próximo a urbanização e um meio da sociedade usufruir dessa natureza e segundo Mazza (2009):

O emprego da vegetação prosseguia recomendado para favorecer a circulação do ar, a dissipação de eflúvios nocivos e o desencadeamento do solo, de modo a combater lugares pútridos nos quais se formavam as doenças, conforme as teorias dos miasmas (MAZZA, 2009 Apud SEGAWA, p.17)

Dessa forma os jardins produziam muitos significados importantes, que não deixaram de exprimir um mesmo sentido no Brasil. Acontece que existiu muitas relevâncias acerca do assunto, esses espaços eram produzidos por pessoas de poder econômico elevado trazendo uma representatividade simbólica, frente a produção desses espaços.

O Jardim do Liceu foi concluído devido a influência do Barão do Rio Brando, dono das terras, ao doar uma parte dessa propriedade para a câmara como pagamento do prolongamento de ruas com a finalidade de facilitar a construção do seu palácio (hoje o colégio Liceu de Humanidade) . Este foi construído por volta do século XX, onde foi ajardinada conforme o Jardim Afonso Pena no Rio de Janeiro e utilizando o aterro retirado dela para aterrar o local para construção de outra praça em local distinto na cidade

O período no qual o Jardim do Liceu foi estruturado, trouxe uma perspectiva imbricada a um simbolismo conectado as suas características físicas.

Em sua estrutura está uma representação de um período que enfatiza em suas propriedades o estilo art nouveau, em todos os seus objetos, com a sua beleza desenvolvida no uso de ferro, vidro, madeira e cimento, assim como, um aspecto físico voltado para o orgânico, trazendo suas características para expressar um período de poder local explicado pela história econômica e política de Campos dos Goytacazes.

O art nouveau surge como um estilo decorativo de forma significativa em uma época de novos olhares, a transformação na relação do ser humano com a natureza. Essa

arte nova, tradução no português, trouxe a releitura do movimento moderno, estabelecendo uma resposta a rapidez das mudanças, as novas visões de mundo e ao avanço da ciência, espalhando seu estilo por toda a Europa, trazendo uma arte mais orgânica, linhas onduladas, assimétricas e entrelaçadas presente em sua ornamentação, contaminando outros países.

Muito embora, as espacialidades construídas mediante as visibilidades dos lugares a época no qual as partes são erguidas vão manter firmes em sua história as probabilidades que irão favorecer nas mudanças feitas pelo tempo. Em particular o Jardim do Liceu traz em sua estrutura uma fiel caracterização do bella epoque fixada pelo estilo Art Nouveau tendo um aspecto rudimentar e ao mesmo tempo fortes, dando vida a paisagem no qual representa essa época.

Sendo assim uma composição desse jardim botânico representando os parisienses, foi projetado cumprindo à risca todo os aparates dos espaços públicos de Paris. Esses glamoures dos ornamentos sofisticados nos jardins públicos trazem além da lembrança europeia um momento paisagístico moderno e interativo com a natureza, buscando uma harmonia invejável representado no coreto, como pode-se observar na foto a cima.

O coreto apresenta tons de cores frias, trazendo em sua estrutura o capelo, sua parte superior, curvas sinuosas em um design valorizando cada pedaço de sua estrutura, ainda em ferro desce colunas finas, com espessura apropriada a não desfazer a delicadeza da sua forma, mas que transborda uma civilidade singular.

Em sua estrutura de colunas de ferro delgado acompanhando todo o capelo, no qual vai fazendo parte de um engenho substancial que privilegia todo o seu contexto, tendo uma platibanda, como faixa horizontal emoldurando os coretos, um tendencioso efeito para esconder o telhado, de forma a trazer nessa obra de arte rústica um ponto sutil e moderno, uma conexão arquitetônica.

Em uma feição da modernidade engendrado nas técnicas aqui representadas, vão trazer as pedras ornamentais simulando as falésias e grutas buscando a representatividade do natural, galgado no discurso da relação homem-natureza.

Para compor uma estrutura do coreto completando toda sua beleza a platibanda, faixa horizontal localizada ao entorno da sua estrutura superior, ou seja, uma espécie de mureta construída principalmente nas partes mais altas de casas e prédios, com o fim de proteger, trazendo segurança e/ou preencher a fachada da arquitetura montada trazendo um requinte no acabamento, mas que pode também ser representada em partes metálicas, em forma de grade, que vão imitar o espaço de circulação e ao mesmo tempo oferecer segurança em locais de estruturas a cima do plano.

Ao reportar a parte superior do coreto observamos que as platibandas são de estrutura metálica, monopolizando uma riqueza de detalhes favorecendo um visual mais sofisticado, com cores frias valorizando os detalhes sem tirar o visual sutil. E assim os detalhes potencializam a produção em série, nítida em sua tonalidade fria, tendo essas características apresentadas em todos os seus elementos expostos no local, como: chafariz, os bancos, os arabescos em ilustrações, a botânica, valorização da lógica e do conhecimento racional e a ligação homem-meio.

5-O ESPAÇO E SUAS REPRESENTAÇÕES.

Ao observar todo o município é visualizado a eurocentriedade representada nas formas e como os objetos são organizados no espaço em uma conjuntura da chegada da modernidade isolando a cultura local e inserindo desenvolvendo uma visibilidade de acordo com Gomes “é um fenômeno que está estritamente relacionado à posição daquilo que é visto no espaço” e o ser humano é um consumidor das imagens, o urbano vai diversificar em sua exposição dos objetos para direcionar o olhar.

Sendo nessa visibilidade que a globalização alcançou até as menores cidade do mundo, vendendo uma imagem de desenvolvimento e satisfação que Campos dos Goytacazes e sua elite campista, sociedade volta para o cultivo da cana de açúcar, os proprietários das terras para ostentar uma modernidade que o símbolo era a Europa, transformava suas estruturas e todo o aparate existente em suas moradias lugares requintados com características da evolução presente em uma época, refletida até os dias atuais.

Essas mudanças então correram o mundo todo, trazendo evoluções marcantes que, movimentando o meio industrial, ampliando a visão do capital, mas que juntamente com essa nova roupagem, é acompanhada por conflitos e problemas sociais.

6-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERQUE, A **Paisagem-marca, Paisagem Matriz: elementos problemáticos para uma Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: ed. UERJ. P. 84-91

FERREIRA, Luiz Felipe; “Acepções Recentes do Conceito de Lugar e sua importância para o mundo contemporâneo”; **Revista Território**. Disponível em: http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf; Acesso em: 17/01/2017.

GOMES, PAULO CESAR DA COSTA. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, PAULO CESAR DA COSTA. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2013.

MARANDOLA, E. HILZER, W. OLIVEIRA, L. **Qual o Espaço do Lugar?: Geografia Epistemológica, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. 1º ed.

MASSEY, DOREN. **Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro, 2008. Editora Bertran Brasil.

MAZZA GILBERTO. **Bella Époque dos Jardins**. Rio de Janeiro: SENAC, 2009. Tese de dourado.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, MILTON. **A Natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo, 2006. Editora da universidade de São Paulo.

SANTOS, MILTON. **Espaço e Método**. 5 eds., 1 reimpr. São Paulo, 2012. Editora da universidade de São Paulo.

SILVA; TOMAZ T, HALL, STUART, WOODWARD; KATHYN. **Identidade e diferença, uma perspectiva dos estudos culturais**. 12º edição. Editora Vozes.